



**Editorial – *Fazer e comunicar ciência: O campo dos Estudos
Medievais***

**Editorial – *Making and Communicating Science: The Field of
Medieval Studies***

DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.5054>

Traz esta *Medievalista* em destaque um ensaio de Hermenegildo Fernandes sobre a *História Contemplativa* de José Mattoso. A distinção justifica-se por inteiro e a vários títulos. Desde logo, porque nele se recenseia o mais recente livro de um professor e de um investigador com um papel central na renovação da historiografia portuguesa e na formação das gerações mais novas, e que foi, também, director da *Medievalista* ao longo de muitos anos. Mas aquele livro, e, sobretudo, o ensaio que lhe deu o nome, é mais do que um testemunho da prática historiográfica de José Mattoso, na sequência das reflexões que este já publicara sobre a escrita da história. Apesar de uma linguagem mais poética, que insiste na dimensão contemplativa da disciplina e na forma como esta desvela o passado, o discurso do autor apresenta-se neste ensaio com uma maior dose de abstracção, facto pouco comum na sua produção anterior. Situa-se, assim, de forma evidente, no campo da teoria do conhecimento histórico, com observações importantes sobre a natureza do objecto conhecido e sobre as operações intelectuais necessárias para o circunscrever e para o captar, num diálogo crítico e informado com as tendências actuais da investigação. Tudo excelentes motivos, portanto, para que o ensaio tenha o destaque merecido nas páginas desta revista.

O desafio lançado pela *Medievalista* e aceite por Hermenegildo Fernandes fica agora à disposição dos leitores. O resultado apresenta-se como uma sentida homenagem a José Mattoso, feita por um dos seus antigos alunos e concretizada da melhor forma, através de um conjunto de glosas, como ele próprio as designa, que comentam e avaliam as reflexões originais, mas que as ampliam, também, em múltiplos sentidos. Sobretudo no que respeita às relações entre as diferentes escalas de observação e à impossibilidade de analisar o concreto e o individual fora de quadros interpretativos mais globais, sob pena de cair na tirania do efémero e do circunstancial. Ou ainda no que toca, mas já noutra plano, às ameaças que hoje se acumulam sobre a prática dos historiadores, em resultado dos paradigmas impostos por outras ciências e que reforçam o peso crescente da técnica, do imediato e da utilidade, tanto no financiamento da investigação, como na produção e na comunicação de saberes sobre o passado. Importa sublinhar, por isso, que ambos os autores, seja o comentador, seja o comentado, adoptaram um género textual hoje pouco comum, o ensaio. Sem notas e com escassas referências bibliográficas, mas ricos em leituras e em remissões, os dois textos afastam-se dos cânones com que se procura formatar, e em parte deformar, toda a actual comunicação em ciência. Esta tendência já foi certamente caracterizada como a *ideologia do paper*, privilegiando a publicação imediata e de tema circunscrito, com dados com um recorte técnico cada vez mais acentuado e de preferência em revistas de maior renome, mas de circulação restrita e que cobram taxas de processamento demasiado altas. Tudo isto prejudica o diálogo e a partilha, e, em particular, a síntese e a explicação, quer dizer, a construção de quadros interpretativos mais gerais, necessários para apontar as lacunas e para abrir novos caminhos à investigação. Os géneros mais bem adaptados a estas funções, por permitirem reflexões mais longas e mais articuladas, como o livro e o ensaio, são objecto de um descrédito crescente, quando não são substituídos por outras modalidades mais expeditas, como o malfadado “estado da arte”, que ora preenche com menor proveito o serviço prestado pelos velhos balanços historiográficos. Abrir a *Medievalista* ao ensaio de Hermenegildo Fernandes sobre a *História Contemplativa* de José Mattoso é outra forma de marcar presença neste combate e de resistir a estas tendências.

De um modo ou de outro, as restantes peças do presente número não são alheias a estas preocupações. Integra ele, de novo, outro dossier temático, coordenado por dois editores externos, Isabel Beceiro Pita e César Olivera Serrano, e por outro interno, Isabel Barros Dias, e dedicado à recuperação e à análise dos intercâmbios entre os vários reinos da Hispânia, com o objectivo de interrogar as formas de manutenção, ou de ruptura, de uma identidade colectiva peninsular. Sem prejuízo da apresentação feita pelos coordenadores, importa notar a multiplicidade de temas e de perspectivas disciplinares, congregando os olhares da História, da História da Arte e da Literatura. A par de fenómenos mais conhecidos, como a circulação de fidalgos e de cavaleiros, ou o papel que os senhorios fronteiriços tinham nessas andanças, aí se revalorizaram as formas da mobilidade religiosa e as permutas de modelos artísticos e culturais que tinham lugar apesar das fronteiras dos reinos.

Aos cinco artigos do dossier temático, juntam-se outros quatro, todos reveladores da abertura da *Medievalista* ao diálogo e à partilha entre áreas disciplinares diferentes. Um deles é o estudo que Carlos Martínez Carrasco dedicou a um levantamento político e social na Bizâncio do século VII, uma geografia e uma cronologia com escassa presença nas páginas da revista. Os restantes abordam fenómenos com uma cronologia mais tardia e mais habitual. É o caso do trabalho em que José Luis Gaona Carrillo analisou os nomes de Deus no *Proslogion* de Santo Anselmo, para discutir as relações da fé com a razão e do ser com a verdade, sugerindo, a partir daí, uma identidade entre aquela obra e o *De Veritate* do mesmo autor. O vaso da unção que identifica Maria Madalena na pintura medieval italiana foi o objecto explorado por Vicki-Marie Petrick. Conjugando textos e imagens, analisam-se em detalhe a forma, os materiais e as funções daquele vaso, alvitrandose a capacidade de ele significar a essência da condição feminina e até o papel da conversão das mulheres na história da redenção. Por fim, António Conduto Oliveira recupera o sentido perdido de uma antiga protecção do corpo, o gibanete, num texto que é, além do mais, um estimulante exercício de história comparada.

As apresentações de teses dão testemunho de recentes investigações académicas. Duas delas defendidas na Universidade do Porto. A de Miguel Aguiar, que tem o mérito de se afastar dos estudos de casos particulares e de procurar esclarecer a

lógica e a coerência do funcionamento da aristocracia cortesã, a partir da análise dos mecanismos sociais da herança, da sucessão e da aliança. E a de Diogo Faria, que recuperou as práticas, os rituais e os agentes da diplomacia dos reis de Portugal durante boa parte do século XV, mas com observações importantes para os séculos anteriores, trazendo dados decisivos sobre a existência de uma cultura diplomática comum no Ocidente, e, também, sobre a crescente especialização dos agentes diplomáticos. Procede da Universidade Estadual de S. Paulo, o trabalho de Thiago Henrique Alvarado sobre a ordenação social da alimentação e do vestuário nos reinos de Castela e de Portugal dos séculos XIV e XV, estudados a partir de um vasto leque de fontes e que mostram a circulação de rituais e de modelos de conduta entre os dois reinos. Por fim, Carlos Filipe Afonso defendeu na Universidade Nova de Lisboa os resultados de uma investigação panorâmica sobre as operações militares entre 1128 e 1249, com dados novos sobre a coerência dos sistemas de defesa do território, sobre a diversidade militar da cavalaria-vilã, ou sobre as formas de tratamento dos vencidos, um tema corrente entre os juristas do Islão peninsular.

Nas resenhas, ora mais escassas, Cynthia Maciel Regalado apresenta e comenta um livro sobre as raízes medievais da noção de raça e do moderno racismo, que recupera a importância das implicações morais que na Idade Média se atribuíam ao contraste entre o branco e o negro. Por outro lado, Paulo Catarino Lopes recenseia um livro sobre os primeiros séculos da história dos eslavos, quando estes abandonaram as planícies asiáticas e se instalaram na Europa Central e Oriental, processo ainda hoje pouco ou nada conhecido, sobretudo no Ocidente, mas com consequências determinantes para a história da Europa e para a relação desta com o continente asiático.

A *Varia* integra, por fim, um conjunto de notas mais breves, ora sobre investigações em curso, ora sobre os resultados que foram recentemente apresentados em colóquios e em outras realizações científicas. No trabalho que se publica, Maria José Mexia valoriza uma tipologia documental frequente e há muito conhecida – a carta de graça ou de doação condicional –, mas à qual não se prestou a melhor atenção, embora ela viesse a ser incorporada nas *Ordenações Manuelinas*. Por seu lado, Isabel Cristina Fernandes apresenta um conjunto de três encontros organizados pelo

Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, do Município de Palmela, que reuniram um número significativo de investigadores nacionais e estrangeiros, ao passo que Catarina Fernandes Barreira dá conta das intervenções da meia centena de investigadores que se juntaram durante os dois dias de trabalho dos *Cistercian Worlds*, uma iniciativa de dois jovens investigadores do Centre for Medieval Studies, da Universidade de York. A secção encerra com uma estimulante reflexão de Luís Urbano Afonso sobre os méritos e as lacunas da exposição sobre a Arte em tempos de Manuel I, que esteve patente no Museu Nacional de Arte Antiga, até finais de Setembro de 2021.

No conjunto, esta *Medievalista* dá a conhecer um número muito significativo de textos, de iniciativas e de investigações em curso, com as mais distintas proveniências, que são outros tantos testemunhos dos diferentes modos de fazer e de comunicar ciência no campo dos estudos medievais. Espera-se que, com eles, a revista se consolide como um espaço de difusão, de debate e de partilha de saberes, de dúvidas e de interrogações, de acesso livre e aberto à participação de todos, sem custos de qualquer tipo, nem para os leitores, nem para os investigadores. Como sempre se fez na *Medievalista* e se fará no futuro.

Luís Filipe Oliveira, João Luís Fontes

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

OLIVEIRA, Luís Filipe; FONTES, João Luís – “Editorial – Fazer e comunicar ciência: O campo dos Estudos Medievais”. *Medievalista* 31 (Janeiro – Junho 2022), pp. 7-11. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).